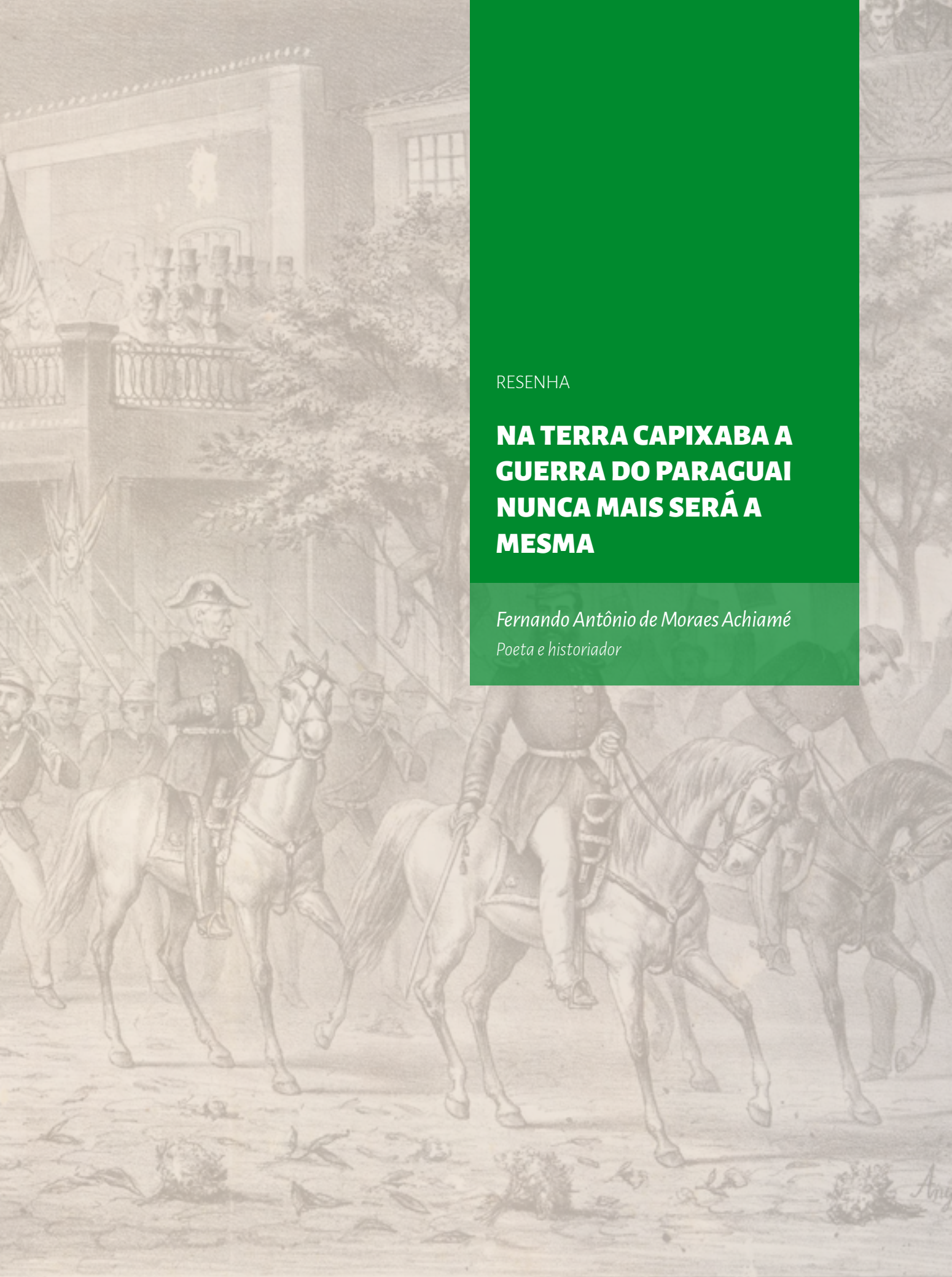






RESENHA

**NA TERRA CAPIXABA A
GUERRA DO PARAGUAI
NUNCA MAIS SERÁ A
MESMA**

Fernando Antônio de Moraes Achiamé
Poeta e historiador

Na terra capixaba a Guerra do Paraguai nunca mais será a mesma

O objeto de estudo se encontrava bem evidente, ao alcance de quem o quisesse pesquisar e, contudo, ignorado. E não se tratava de tema qualquer, mas do conflito que marcou profundamente a história brasileira e capixaba – a Guerra do Paraguai. O jovem historiador Marcos Antonio Briel aceitou o desafio. E defendeu recentemente no Programa de Pós-graduação em História Social das Relações Políticas da Ufes dissertação de mestrado sob o título “A Participação da Província do Espírito Santo na Guerra do Paraguai: Mobilizações Cívicas e Recrutamento Militar (1864-1870)”, aprovada com distinção, recomendando-se sua publicação.

Diversas formas de pioneirismo existem na obra. O seu próprio objeto – o envolvimento da província capixaba na Guerra do Paraguai – não foi anteriormente pesquisado com profundidade e abrangência por trabalho acadêmico, que se saiba. A luta que derrotou e arrasou a pequena nação sul-americana prossegue bastante estudada por historiadores do país e do estrangeiro. São investigações de variada natureza que analisam as participações no conflito do Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e outras unidades do vasto Império brasileiro, exceto a do Espírito Santo. Assim, outro pioneirismo do estudo reside em colocar essa província, região periférica apesar de próxima à Corte, como participante ativa na Guerra da Tríplice Aliança.

Pioneiro se revela, do mesmo modo, o tratamento que o autor conferiu às fontes primárias utilizadas para construir sua obra, constituídas de jornais do século XIX e de manuscritos, estes jamais consultados. Há século e meio, dormitavam nos escaninhos do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES) centenas de documentos sobre o assunto. Aguardavam um estudioso que os trouxesse à luz, lesse seus conteúdos, fizesse correlações com as circunstâncias regionais e nacionais da época em que foram produzidos. E, recorrendo aos dados neles contidos e à bibliografia adequada, interpretasse os contextos então vividos para, no final, produzir narrativa coerente.

Felizmente, a espera mais do que sesquicentenária deu lugar a resultado bastante positivo que, entre outros méritos, confere sentido aos esforços de gerações de servidores na salvaguarda do riquíssimo acervo da veneranda instituição arquivística.

E como não denominar de desbravadora a perspectiva historiográfica escolhida pelo autor? Ao examinar as alterações na vida cotidiana capixaba promovidas naqueles tempos de guerra, ele não privilegiou figuras sempre colocadas em destaque – governantes poderosos, ricos, líderes militares, religiosos de projeção, enfim, componentes da elite dominante. Quem surge a toda hora no texto são os despossuídos de quase tudo, homens e mulheres que procuravam sobreviver e, para isso, enfrentavam os novos desafios propostos por situações muito difíceis. Marcos Briel colocou o povo para falar. Com pequeno esforço de imaginação histórica, podemos escutar os capixabas humildes de meados do século retrasado escancaram seus sofrimentos, suas angústias e desesperos. Junto deles assistimos às mobilizações cívicas e comemorações patrióticas patrocinadas pelo poder do Estado e que, por certo tempo, empolgaram toda sociedade provincial. Participamos da vida familiar, da realidade concreta de cidadãos e cidadãs comuns que lutavam por seus direitos.

A população já sabia que “em tempo de guerra, mentira é como terra”. Para obter isenções do serviço militar, recorria a dispositivos legais e a qualquer argumento retórico disponível. Assim procedia mesmo se precisasse mentir, distorcer ou exagerar sobre as circunstâncias das suas existências para livrar parentes e amigos do inferno nos campos de batalha. Com êxitos e fracassos, era uma luta antes da luta. Precedendo os entreveros no front, havia na província do Espírito Santo uma outra guerra, uma espécie de pré-guerra, com múltiplas ações de violência e tudo o mais que compreendia o horror peculiar a tais recrutamentos compulsórios.

Nos textos produzidos nos Oitocentos pela historiografia capixaba, a Guerra do Paraguai está sempre presente, com maior ou menor relevância. Em trabalhos abrangentes elaborados em épocas posteriores que tratam do período, aquela guerra também

é considerada, geralmente de passagem. A partir de certo momento, o assunto saiu de moda nos estudos respeitantes ao Espírito Santo, apesar de seus reflexos se mostrarem duradouros na história local. Será que nem as homenagens prestadas aos heróis e episódios da luta, com seus nomes colocados em logradouros, evitam que os esqueçamos? Em Vitória, as denominações das avenidas Leitão da Silva e Marechal Campos, das ruas Francisco Araújo, Duque de Caxias e General Osório, além da antiga rua Primeiro de Março hoje integrada à avenida Florentino Avidos, possuem vínculos com o conflito, muito embora desconhecidos pela população Para retirar da obscuridade essas demonstrações de respeito, fazendo com que se procure saber, por exemplo, quem foi Francisco Araújo, o Chico Princesa, e porque seu nome mereceu ser colocado numa rua da Cidade Alta, a dissertação de Marcos Briel contribuirá certamente. Assim, vislumbra-se nela mais um tipo de pioneirismo.

Há muito tempo vigora uma premissa nos meios intelectuais, sobretudo franceses – dissertações e teses não devem ser publicadas. Afirmção que se justifica pela presença nos trabalhos de volumoso aparato crítico com extensas citações de fontes e bibliografia, de notas eruditas, de demonstrações teóricas repletas de argumentos que somente possuem circulação livre e despertam interesse no mundo acadêmico. No entanto, dissertações e teses de qualidade, após sofrerem reformulações para aliviá-las dos excessos teóricos, precisam alcançar público maior para divulgar os avanços científicos obtidos. É o caso desse trabalho, que bem merece publicação após ser revisado e enriquecido com ilustrações, sem as amarras do exercício dissertativo. Obra que, com ampla circulação, decerto inspirará contribuições de outros historiadores e abrirá nova linha de pesquisa – o que revela mais uma das suas características pioneiras.

Quando o estudo sofrer revisão, convém acrescentar pequeno, mas sugestivo detalhe. Para exemplificar as práticas hediondas de recrutamento militar no Império, por que não citar episódio da história capixaba ocorrido em 1827, protagonizado pela tripulação do brigue Ururau e carregado de crueldade tão extremada que marcou a sociedade de Vitória por longos anos?

A parte essencial do trabalho é precedida de ampla revisão bibliográfica do que de valor foi produzido sobre o tema pertinente, com distribuição em quatro fases: 1) corrente historiográfica descritiva e tradicionalista; 2) corrente revisionista; 3) nova historiografia sobre a Guerra do Paraguai; e, 4) perspectiva analítica local e regional focalizando lugares fora do eixo central da monarquia. O historiador dialogou principalmente com obras produzidas na última fase por serem a mais pertinentes, atualizadas e fecundas para a temática do seu interesse. Além das fontes primárias manuscritas e impressas, ele recorreu à sólida bibliografia de referência, valendo-se de livros de autores consagrados. E demonstrou diversas das suas considerações por meio de gráficos e quadros para esclarecer o leitor sobre o que desejava provar. No início da dissertação, definiu a contento o conceito de “cultura política” nela empregado. A metodologia de interpretação do conteúdo dos documentos foi escolhida de forma conveniente para dar conta das informações dispersas nos manuscritos consultados. Com isso, Marcos Briel partiu de sólido embasamento teórico-metodológico para erguer sua edificação historiográfica.

Na dissertação, ele caminhou muito bem das grandes conjunturas envolvendo a guerra em direção à micro-história na província capixaba. Por exemplo, de que maneira determinada ordem geral emanada de um ministério foi cumprida na vila de Viana? Também percorreu de modo satisfatório a trajetória inversa, do local para o geral, ao apontar as falhas de autoridades, as resistências da população nas questões do recrutamento e suas repercussões nos poderes centrais do Império. Tomando como referência estudos empreendidos por pesquisadores conceituados, ele comparou a realidade do alistamento no Espírito Santo com situações semelhantes ocorridas em outras províncias, a exemplo do Ceará. Mas sem esquecer de ressaltar as singularidades do universo capixaba.

As páginas do trabalho revelam conjuntos de ações humanas existentes em época terrível – fugas para se eximir do envio ao front, apresentações de pessoas inaptas para o combate, subterfúgios com a finalidade de escapar ao recrutamento, arbitrarieda-

des e incompetências de servidores públicos, atitudes covardes, gestos heroicos. Seguir para a guerra era a palavra de ordem do Estado – se não fosse por amor, caso de muitos voluntários da pátria, seria pela dor, como nos recrutamentos à força. Bem enuncia a sabedoria popular – “pior é a guerra” –, essa rainha despótica que quer tudo para si. Um caso trágico, ocorrido em 12 de fevereiro de 1866 na vila de Santa Cruz, ilustra o endurecimento das convocações naquela altura. Quando ia se casar, Manoel do Espírito Santo foi preso em frente da matriz, onde o pároco, as testemunhas e a noiva Maria Lourença o aguardavam. A petição elaborada a rogo do infeliz pelo padre Francisco Antunes de Siqueira, que celebraria o casamento, e as declarações anexadas provando ser Manoel arrimo de família com a mãe viúva e uma irmã de menor idade não se mostraram suficientes para isentá-lo de servir na guerra. Mas será que o jovem seguiu de fato para os confrontos? E se foi, retornou? A história, como a vida, continua repleta de incompletudes que nos fazem pensar e... imaginar.

Chega a ser comovente e estimulante constatar o surgimento de nova e produtiva geração de historiadores interessados em repensar o Espírito Santo, em sua maioria oriundos do Programa de Pós-graduação em História da Ufes. Seus competentes professores dominam diversificadas áreas do conhecimento histórico. O Programa vem formando pesquisadores que já revolucionaram o entendimento sobre nosso passado, abrindo perspectivas ousadas e inovadoras para a história. Muitos deles utilizaram a preciosa massa documental do APEES, boa parte dela inexplorada. Naquela nova geração se insere o autor, que com brilhantismo inicia a jornada profissional. Seu trabalho demonstrou de modo pleno que a província do Espírito Santo participou ativamente do esforço de guerra e saiu daqueles anos sofridos bem diferente de quando neles ingressou; mudança social comum a outras regiões brasileiras. Essa dissertação enriquece as historiografias referentes ao conflito platino e ao nosso estado, aproximando-as mais ainda da verdade. O que permite assegurar – depois da pioneira contribuição do historiador Marcos Briel, na terra capixaba a Guerra do Paraguai nunca mais será a mesma.

